

A Dança de Mentalidades... Na Dança da Educação... Física

José Gregório Viegas Brás*

As expressões «Ciências Sociais» e «Ciências Humanas» em substituição de «Ciências Morais e Políticas», como refere Tzvetan Todorov (1991), ocorreu na época da Revolução Francesa protagonizada pelo espírito enciclopedista pela mão de Condorcet e mais tarde por Auguste Comte, presume-se, com o intuito de libertar o homem do jugo ideológico, de tornar as Ciências Humanas como as outras.

Não esqueçamos que nessa altura a ideologia era dominada pela ortodoxia católica que era um impecilho ao avanço do conhecimento. Como nos conta Alberoni (1993), o iluminismo foi um movimento das elites intelectuais de ordem cultural, científico e moral, que lutou pela luz da razão, em oposição ao dogma e intolerância religiosa. Todavia, esta desejável libertação em relação à ideologia, ao mundo dos valores não é de todo possível nem pacífica. A norma abstracta da razão não chega porque não é linear, não funciona em linha recta. A partir dela não se pode construir uma norma universal como fizeram os nacionalismos totalitários.

A ideia de fazer alinhar com o mesmo método de investigação as Ciências Humanas com as Ciências da Natureza, criando por oposição uma ideologia cientista, colocou muitos obstáculos porque efectivamente a existência humana está impregnada de moral e política, não sendo possível separar o que é inseparável — a natureza do objecto é completamente diferente.

No domínio da teorização da Educação Física, tal como se verificou noutras áreas do conhecimento, a procura da edificação de um discurso

* Vogal da direcção da SPEF, Assistente no curso de Licenciatura de Educação Física e Desporto da ULHT

Boletim SPEF, n.º 13 Inverno de 1996, pp. 99-107.

científico que pusesse em evidência a problemática disciplinar, no seu trajecto, conduziu de certo modo, na expressão de Luiz Torgal (1989), a um arrefecimento ideológico.

O *slogan* «menos ideologia mais ciência» correspondeu a um imperativo mobilizador das consciências individuais para varrer do campo da Educação Física toda a suspeita da ideologia.

Esta posição teve como efeito perverso desencorajar e inibir o debate ideológico por apenas se reconhecer dignidade e legitimidade ao conhecimento científico, ficando este circunscrito aos académicos. Por consequência produziu-se um desnudamento de ideias e uma certa anestesia colectiva.

Pelo facto, não é de estranhar que neste momento se assista a um discurso que tenta recuperar a designação de Técnico em contraposição à de Professor, sem que isso mereça o mínimo de reflexão. Um modismo renascente faz prevalecer a Instrução ao invés da Educação, desqualifica o Professor, para que o Técnico e a Formação Técnica surja como uma consequência inevitável e mais ajustável às características e dinâmicas culturais do nosso tempo. E o que é um bom Técnico?

É aquele que, à imagem do bom homem cartesiano, zela pela aplicação seca e esquemática das acções (técnicas) que constituem as actividades físicas sem problematizar o que verdadeiramente está a formar, sem consciencializar o projecto de homem em causa. Por isso intervém de modo frio, ostentando rejeição pelo pensamento político-filosófico.

Reserva-se para a escola e particularmente para o técnico o papel de ensinar *skills*. Parte-se do pressuposto que a dimensão técnica é isolável e que se presta um bom serviço à educação quando se verifica uma demissão em lidar com os valores. E não deixa de ser curioso o facto de muitos se convencerem que com a sua acção não ensinam valores.

Volta-se novamente à tradicional distinção entre a natureza e o homem, tendo por base a concepção mecanicista da matéria. É uma atitude que evidencia o nascimento de um novo mecanicismo, renunciando-se à nobre função do Educador. Esta Tecnocracia fez surgir uma nova sensibilidade que, paradoxalmente, criou um novo quadro ideológico.

Como já o disse em tempos bem remotos, Platão na República e Aristóteles na Política, a educação do cidadão é uma questão política, e cremos nós, à qual não se pode fugir. Quer se queira ou não, particularmente as Ciências Humanas não são neutras e não há Educação fora de um quadro de valores, não há Educação sem ideologia, e isto não tira o mérito nem os propósitos do conhecimento científico.

Quando falamos em ideologias não queremos significar as ideologias como grandes sistemas únicos, compartimentados e encerrados sobre si próprios, do tipo partido único, completamente dogmáticos, doutriná-

rios, contendo princípios universais inquestionáveis. Falamos de ideologias como um sistema de representações — ideias, valores, imagens, práticas que são indispensáveis para orientar o rumo da acção educativa.

Para o bem ou para o mal, porque o humano não existe de forma estática, estamos condenados a esta procura constante. Custe o que custar, a escola não pode renunciar participar na invenção de uma nova maneira de ser, estar e fazer, sobretudo um novo Eros.

Do ponto de vista educativo, é necessário passarmos rapidamente para a fase de aquecimento ideológico. Efectivamente a função educativa também comporta a dimensão técnica, mas felizmente não se restringe nem se esgota nela. O que está em causa é o tipo de influências que queremos imprimir na formação da personalidade dos alunos. Se o que importa verdadeiramente ao Educador é a mudança, é a formação da pessoa, interessa pois saber aquilo que é potencialmente mais crítico, mais determinante na formação que queremos implementar. Esta é a questão fundamental que deve ser eleita para o palco da discussão.

Chegados aqui diremos que em nosso entender a Dança constituiu um dos pontos nevrálgicos da Educação Física. Não só por se tratar de uma actividade física com características diferentes das que são habitualmente praticadas mas também porque pertence a um imaginário social que urge alterar. Se educar rima com mudar o que se revela ultrapassado e caquético, desajustado do ideal formativo, eis aqui um excelente material de intervenção pedagógica.

Em nossa opinião existem diversas atitudes mentais perante a Dança que são necessárias equacionar como ponto de ataque ao processo de mudança que é indispensável implementar. Todavia, elas não são independentes umas das outras, existem num complexo jogo de relação e influência.

Mentalidade puritana

Características

Defende um ideal celibatário e sacerdotal para com a Dança. O espírito da Dança para ser alcançado tem que ser regulado por uma austeridade por forma a manter a casta desejada. Imprime um estilo de vida ascético e esotérico.

Tipificação do Personagem

A «Tia»... A «Rica»... e certa franja de «entendidos» da Dança.

Discurso

A Dança para estes é uma actividade virtual... «sei lá»... reservada a meia dúzia que o destino teve o privilégio de premiar. Para eles é fundamental ser super... e super bem medido — x de busto, y de anca e z de perna... Sobretudo considerar a dança uma arte inacessível e a boa vontade não chega para alcançar a estilização desejada, sendo aconselhável desiludir alguns que tentem a proeza. Há por isso que impedir a mistura, a contaminação, afastando-se logo à partida os pretendentes indesejados, não vá o diabo tecê-las. Tudo é feito para manter a pureza da Dança.

Como diz José Sasportes (1983), a Dança não é em si mesma um espectáculo — não precisa de espectadores. A Dança alterou-se ao tornar-se espectáculo.

Todavia esta linhagem persiste em ver a Dança nesta perspectiva e tudo o que fazem, criticam ou aconselham é sempre subordinado a esta lógica.

Papel

Selectivo. Não se perde tempo nem energia com aqueles que não façam parte da matéria prima. Afasta os fracos, os não talentosos, sejam eles homens ou mulheres.

Mentalidade censório-machista

Características

Defende um ideal sexista, numa relação de poder que atribui a supremacia do homem em relação à mulher. Cava um fosso entre as práticas, comportamentos, valores, atitudes, costumes, etc., das mulheres e dos homens.

A socialização masculino/feminino orienta o sentimento em relação aos comportamentos determinados como socialmente recomendáveis.

O quotidiano é invadido por um policiamento recíproco, manifestando-se numa disciplina meticulosa e pormenorizada com o objectivo de fazer cumprir as obrigações dos diferentes papéis.

Tipificação do personagem

Discurso

Para estes o verdadeiro homem não Dança por duas ordens de razões:

- Porque a Natureza dos Seres (os factos da natureza) define as inclinações, sendo o interesse pela Dança determinado geneticamente a favor das mulheres (de dentro para fora);
- Porque a Natureza da Actividade (os factos sociais) modifica a natureza dos seres (de fora para dentro). Praticar actividades que convencionalmente são atribuídas ao sexo oposto pode modificar a essência sexual do ser.

É uma posição maniqueísta que visa desencorajar, censurar e caluniar todo aquele que se queira envolver nas lides da Dança.

Papel

Segregativo, sexista. Proporciona e desenvolve um sentimento de repulsa, afastando os homens da prática da Dança.

Mentalidade tipo «Linha Erótica» (variante da censório-machista)

Características

Defende a sensualidade e o erotismo como um atributo próprio da mulher. A Dança é apreciada como um dote, uma técnica que o sexo oposto deve possuir sobretudo para estimular a libido do dominador homem. É um comportamento de assédio da mulher para com o homem baseada numa relação mercenária.

Tipificação do Personagem

O Marialva, a Dama de *Cabaret*...

Discurso

As mulheres foram deste sempre educadas para agradar. A Dança é encarada como uma actividade interessante para a mulher se pavonear.

Outrora, particularmente na Grécia e Roma, as mulheres deviam saber Dançar, sobretudo as prostitutas, para proporcionarem entrete-

nimento aos homens. A Dança aqui está associada às mulheres concubinas — as que partilham do leito. Também no harém, o ideal de todas as escravas era ser escolhida, sendo as mais talentosas estimuladas a saber Dançar como técnica de sedução.

Para estes, deve-se manter um rigoroso respeito pela tradição.

Papel

Harém vem de harém e quer dizer vedado, protegido, sagrado. Na vida comum dos árabes, a palavra designa a secção da casa reservada às mulheres, às filhas e serventes.

No âmbito das actividades físicas a Dança funciona como Harém, isto é, como uma actividade reservada às mulheres do tipo das concubinas. Nesta acepção, a mulher de Bem não deve Dançar. Tal como refere Teresa Bernardino (1986) na obra *Sociedade e Atitudes Mentais em Portugal*, nas regras para a educação cristã (1783), a Dança não era aconselhável porque era um laço do demónio.

Assim, temos também um papel segregativo e sexista. Agora é a vez de afastar da prática da Dança as mulheres de bom porte devido a ser uma actividade das mulheres levianas.

Mentalidade piscatória

Características

Defende a Dança como um jogo de sexo mediado por estratégias de sedução. A Dança é vista como uma técnica de sedução em que se mede a luta dos desejos, das hesitações... Sobretudo torna-se importante porque permite e facilita o contacto entre os sexos, podendo constituir-se como uma manobra de cortesia.

Tipificação do Personagem

O Galanteador, Nobre Senhora distinta e de Bom Trato.

Discurso

A Dança nesta perspectiva passa a ser parte integrante das regras de Bom-Tom, da educação distinta, das condutas aprováveis, quer para o homem, quer para a mulher.

Como pôs em relevo Manuela Hasse (1995), o saber Dançar era uma conduta de Bom — Tom para a burguesia do século XIX, sendo indispensável para uma pessoa de certo estatuto social. Oferecer um baile era um costume entre os ricos, pois aumentava o prestígio e proporcionava o convívio entre os sexos.

Os bailes, enquanto forma de sociabilidade generalizou-se entre as diferentes classes sociais, estando hoje presente com a configuração dos tempos modernos. O «relaxamento» de costumes contribuiu para a popularização de certo tipo de Dança, não se tendo perdido por completo sua áurea classista.

Papel

A Dança é considerada como uma técnica de abordagem, meio de acesso, funcionando como um anzol. Trata-se de um jogo de conveniência, existindo por isso uma posição dúbia. Todos são potenciais candidatos utilizadores (preferencialmente os homens), mas uma vez cumprido o objectivo muitos retomam a posição idêntica dos censório-machistas. Não afasta mas leva ao abandono.

A Dança participa no processo ideológico sexista, contribuindo para a construção de um imaginário social deformante. Enquanto instituição, a Dança é atravessada por relações de poder que contribuem para a construção social e histórica da diferenciação de papeis. É necessário produzir novas formas de relação social que cortem com a marcante tradição preconceituosa da nossa cultura. Esta problemática requer um cuidado educativo que não é compatível com a estreita abordagem tecnicista preconizado por muitos. O educador não pode deixar de se confrontar com a ideologia já que toda a sua acção gira em torno de uma identidade a construir.

A motivação pela Dança deve-se a factos sociais, não sendo determinada pelos factos da natureza como muitos defendem. As condições de socialização é que modelam o comportamento e a construção da identidade.

Como diz Elisabete Badinter (1993) o masculino/feminino põe em jogo factores psicológicos, sociais e culturais que nada têm a ver com a genética. Do *xy* ou *xx* ao sentimento de identidade masculino/feminino existe um longo percurso subtil que o educador não pode ficar alheio.

Também, Margaret Mead (cit. por Elisabete) diz-nos que há uma multiplicidade de masculinidades/feminilidades, tendo destacado a variabilidade de papéis e dos estereótipos, assim como também a relação entre o homem/mulher. E adianta que tudo isto varia segundo a época, classes sociais, raças e a idade.

Para Ann Oakley (1972), sexo é um termo biológico e género um termo psicológico e cultural. Nesta perspectiva é na base do género que se diferenciam as identidades, tendo estas uma significação cultural ligada à sexualidade. Ora, como bem nos refere Andrew Tolson (1983), a masculinidade/feminilidade por ser uma identidade de género determinada culturalmente e socialmente funcional, é também algo de histórico — tal como já fizemos referência a Margaret Mead, difere em função das gerações, épocas e sociedade.

Significa dizer que estamos no domínio da construção ideológica. Os Educadores não podem ficar indiferentes às formas de sociabilidade que se devem adoptar para orientarem uma nova estruturação da sensibilidade. A escola, não esqueçamos, é também para formar pessoas... Afinal, qual é a identidade que queremos construir?

É pura demagogia dizer-se que a acção pedagógica se movimenta numa neutralidade axiológica. Aliás, mesmo que fosse possível não seria desejável que as crianças crescessem desvinculadas da ordem axiológica. E isto não tem nada de dogmático. A liberdade humana, tal como refere Eduardo Soveral (1993), é essencialmente responsável, isto é, não anárquica, porque se situa num contexto inter-subjectivo.

Uma das grandes vantagens da Educação Física ser eclética e de ser leccionada por Professores, está na possibilidade dos educadores promoverem formas de sociabilidade que concorram para uma nova orientação emocional. Educação Física sem Dança ou Dança sem Educação Física é pactuar com a retrógrada ideologia conservadora.

Só a Educação Física, neste caso escolar, reúne condições privilegiadas para participar neste empreendimento — abrange todos os alunos numa perspectiva de prática das actividades físicas não fragmentadas, isto é, não praticadas segundo uma lógica organizativa de opção sexista.

A cultura zippie, que é uma cultura de Dança e música, está aí para provar que a juventude também gosta de Dançar. As *raves* e os *after-hours* reúne essencialmente a juventude para Dançar até à exaustão — como alguém o disse, uma nova forma de *jogging* matinal. Saibamos aproveitar a ocasião.

Bibliografia

ALBERONI, Francesco (1993) — *O Altruísmo e a Moral*. Bertrand Editora. Venda Nova.

BADINTER, Elisabeth (1993) — *XY A Identidade Masculina*. Edições Asa. Lisboa.

BERNARDINO, Teresa (1986) — *Sociedade e Atitudes Mentais em Portugal (1777-1810)*. Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

HASSE, Manuela (1985) — A Disciplina do Corpo. In *Revista Ludens*, vol. 10. n.º 1, Out.-Dez.

OAKLEY, Ann (1972) — *Sex, Gender and Society*. Melbourne: Temple Smith.

- SASPORTES, José (1983) — *Pensar a Dança*. Imprensa Nacional — Casa da Moeda.
- SOVERAL, Eduardo (1993) — *Educação e Cultura*. Instituto de Novas Profissões. Lisboa.
- TOLSON, Andrew (1983) — *Os Limites da Masculinidade*. Ed. Assirio e Alvim. Lisboa.
- TODOROV, Tzvetan (1991) — *As Morais da História*. Publicações Europa-América. Mira Sintra.
- TORGAL, Luís Reis (1989) — *História e Ideologia*. Edição Livraria Minerva. Coimbra.